

**A BOLA NO PÉ DO MORRO: FUTEBOL COMUNITÁRIO E LAZER NO PARQUE JORNALISTA  
EDUARDO COURI E AGLOMERADO SANTA LÚCIA - BELO HORIZONTE/MG**

**Felipe Vinícius de Paula Abrantes<sup>1</sup>**  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Silvio Ricardo da Silva<sup>2</sup>**  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** O presente artigo aborda e discute o futebol comunitário como uma vivência de lazer para uma comunidade de Belo Horizonte. Analisamos também como o futebol atua como um indutor de outras práticas de lazer para os moradores do Aglomerado Santa Lúcia, funcionando como uma espécie de “animador cultural” no Parque Municipal Jornalista Eduardo Couri em Belo Horizonte – MG. Para a realização desta pesquisa, o trabalho de campo contou com incursões ao parque que possibilitaram anotações em caderno de campo, entrevistas e registros fotográficos. Como principais achados apontamos a estreita relação da comunidade com o futebol, as atividades de lazer que orbitam os campos de várzea durante as partidas e o processo de sociabilidade altamente ligado ao futebol comunitário.

**Palavras-chave:** Atividades de Lazer. Futebol. Futebol comunitário. Pertencimento.

**THE BALL AT FOOT OF THE HILL: COMMUNITY FOOTBALL AND LEISURE AT PARK  
JOURNALIST EDUARDO COURI AND AGGLOMERATED SANTA LUCIA - BELO  
HORIZONTE/MG**

**Abstract:** This article addresses and discusses community football as a leisure experience for a community in Belo Horizonte. We also analyzed how football acts as an inducer of other leisure practices for the residents of Aglomerado Santa Lúcia, working as a kind of “cultural animator” in Parque Municipal Jornalista Eduardo Couri in Belo Horizonte – MG. In order to carry out this research, the field work included visits to the park that allowed for notes in a notebook, interviews and photographic records. As main results, we point out the close relationship between the community and football, the leisure activities that orbit the community fields during matches and the sociability process highly linked to community football.

**Keywords:** Leisure activities. Football. Community football. Belonging.

**LA PELOTA EN PIE DE LA COLINA: FÚTBOL COMUNITARIO Y OCIO EN EL PARQUE  
PERIODISTA EDUARDO COURI Y AGLOMERADO SANTA LUCIA - BELO HORIZONTE/MG**

**Resumen:** Este artículo aborda y discute el fútbol comunitario como experiencia de ocio para una comunidad de Belo Horizonte. También analizamos cómo el fútbol actúa como inductor de otras prácticas de ocio para los habitantes del Aglomerado Santa Lúcia, actuando como una especie de “animador cultural” en el Parque Municipal Jornalista Eduardo Couri en Belo Horizonte – MG. Para llevar a cabo esta investigación, el trabajo de campo incluyó visitas al

<sup>1</sup> Professor da Prefeitura Municipal de Santa Luzia. Email [felipevpa@yahoo.com.br](mailto:felipevpa@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Email: [prof.srs@gmail.com](mailto:prof.srs@gmail.com)

parque que permitieron tomar notas en un cuaderno de campo, entrevistas y registros fotográficos. Como principales hallazgos, señalamos la estrecha relación entre la comunidad y el fútbol, las actividades de ocio que orbitan los campos comunitarios durante los partidos y el proceso de sociabilidad muy ligado al fútbol comunitario.

**Palabras clave:** Actividades de ocio. Fútbol. Fútbol comunitario. Pertener.

## 1. Comunidade, futebol e lazer

O presente artigo discorre acerca do futebol na comunidade do Aglomerado Santa Lúcia<sup>3</sup> em Belo Horizonte, bem como o uso do parque Jornalista Eduardo Couri, que é um equipamento urbano de lazer em que os campos de futebol, que os moradores do aglomerado e outros usuários do parque utilizam, estão inseridos.

Mais especificamente tratamos do futebol comunitário como uma alternativa de lazer, o papel que o futebol comunitário possui enquanto um “animador cultural”<sup>4</sup> do parque e finalmente as diferentes formas que o futebol comunitário se transmuta para ser praticado no contexto observado nesta pesquisa.

Entendemos que é profícuo iniciarmos esse texto apontando algumas características dessa comunidade, o fator que despertou o interesse de pesquisar o futebol no aglomerado Santa Lúcia e como se organiza espacialmente os campos, os bares e demais atrativos do parque para melhor compreensão do leitor.

O Morro do Papagaio conta com mais de 25 mil moradores, em quase 6 mil domicílios, ainda segundo os dados apontados pela PNAD (2013) e obtidos pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). A comunidade se originou da junção de algumas favelas da região: a Vila Estrela, a Vila Santa Rita de Cássia, a Vila São Bento (“Bicão”) e a Vila Barragem Santa Lúcia. Com o crescimento de todas essas vilas, elas passaram a formar um grande e único aglomerado de moradias: o Aglomerado Santa Lúcia.

Já o Parque Jornalista Eduardo Couri, é um equipamento de lazer que fica muito próximo à comunidade. Nele encontramos dois campos de futebol, uma quadra de esportes, pista de caminhada/corrída, banheiros e vestiários dos campos, parquinho para crianças e os bares/quiosques.

A aproximação da comunidade com este equipamento urbano e a configuração que o mesmo apresenta evidenciou que possivelmente poderia haver uma forte relação da comunidade do Morro do Papagaio com o futebol amador, uma vez que os campos do parque

---

<sup>3</sup> Os moradores do aglomerado se referem ao mesmo como “Morro do Papagaio” mesmo sendo o morro, apenas uma seção do aglomerado. A seção Morro do Papagaio, para a prefeitura é a Vila Barragem Santa Lúcia.

<sup>4</sup> No mesmo sentido apontado por Melo (2002): “uma intervenção pedagógica que tem a cultura como sua preocupação e estratégia central” (p. 103).

são largamente utilizados por clubes e times amadores de Belo Horizonte e região metropolitana. Entendemos que era preciso investigar se esse fato realmente se confirmaria. Como se estrutura a relação entre a comunidade e o futebol amador? Como o futebol presente e vivenciado no parque se configura como alternativa de lazer para a comunidade do Morro do Papagaio? O futebol auxilia na ocupação e no uso do Parque Jornalista Eduardo Couro por parte da população vizinha? Essas foram algumas questões que nos instigaram a realizar o estudo neste equipamento tão importante na cidade de Belo Horizonte.

Para auxiliar na compreensão deste espaço, segue abaixo uma imagem esquemática do parque, onde se encontram os seus atrativos, o posicionamento geográfico do aglomerado (lado direito da imagem) e bairros vizinhos (lado esquerdo da imagem), bem como as áreas onde existem pontos de comércio dentro do equipamento urbano.

**Imagem 1** – Mapa do Parque Jornalista Eduardo Couri



Fonte: <https://earthexplorer.usgs.gov/> (Marcações feitas pelos autores).

## 2. Decisões metodológicas

A pesquisa passou pelo processo de aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP-UFMG) e está registrada neste colegiado pelo parecer número 3.340.242.

Este estudo se caracteriza como etnográfico e como ferramentas e utilizamos o caderno de campo, com anotações do que fora observado na pesquisa *in loco*. Recorremos a Magnani (1997, p. 8), para exemplificar o potencial desse recurso, quando aponta que ao registrar nas linhas, os relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar informações que os documentos, as entrevistas, os dados censitários – obtidos com gravador, máquina fotográfica, filmadora, transcrições – não conseguem transmitir. Ou seja, é uma importante maneira de captar e registrar o contexto do local/objeto de estudo.

Outra ferramenta utilizada foram as entrevistas. Algumas realizadas presencialmente e outras remotamente (via celular/computador). Ouvimos de maneira atenciosa as falas de algumas pessoas que pudessem representar as “vozes da comunidade”. As entrevistas possuíam um roteiro base, mas não necessariamente se prendiam às perguntas que nele constava.

As entrevistas foram realizadas com um total de 12 pessoas, sendo: Sr. Evaristo, Robertão, 3 jogadores da pelada dos veteranos, jogadoras do Prointer (time do Aglomerado), líderes comunitários e uma artista da companhia Casa do Beco que também é sediada na comunidade.

Por fim, o registro imagético também foi utilizado. As fotografias auxiliaram o processo de descrição e caracterização dos locais de pesquisa, elemento fundamental no processo do trabalho de campo, e para a comunicação de um estudo etnográfico.

Destacamos que as pessoas que residem no Morro do Papagaio e que utilizam os campos no Parque Jornalista Eduardo Couri nos momentos de lazer são centrais. Em certa medida, são responsáveis por tornar este trabalho possível. Contudo, pessoas oriundas de outros logradouros de Belo Horizonte, também se fizeram presentes e utilizaram o espaço durante o período de pesquisa. Além da predominante participação dos moradores da comunidade, observamos um maior número de homens. A liderança da organização dos horários dos campos, o controle do uso dos vestiários, o comando dos bares e até mesmo a participação no torcer do futebol comunitário eram majoritariamente masculinas. Mas, ressaltamos a presença de times de mulheres nos campos, mulheres torcendo, bem como a relevância que o time feminino Prointer Futebol Clube<sup>5</sup> possui na comunidade.

---

<sup>5</sup> Clube sediado no Morro do Papagaio, cujo presidente é o Sr. Evaristo. É o clube amador mais conhecido da comunidade.

### 3. Análise e discussão de dados

O futebol no Parque Jornalista Eduardo Couri como uma importante vivência de lazer dos moradores do Morro do Papagaio ficou logo evidente. Salientamos que os moradores e frequentadores do parque também possuem a mesma compreensão. Podemos constatar este fato a partir da fala de um morador do aglomerado, o Urbano, irmão do presidente da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia:

O final de semana é muito importante pra gente que vem aqui para o campo. É o nosso lazer. Para o trabalhador, é o tempo que temos para viver o lazer, né... Jogar o futebol, encontrar o pessoal... E o futebol é um lazer barato. Você pode ver aqui... Tem gente que vem e não tem o dinheiro do mês da pelada... É 10 reais... E joga... A gente quer que as pessoas venham. (Urbano, morador do Morro e frequentador do Parque, em diálogo com pesquisador sobre a pelada dos veteranos. Registro de caderno de campo)

A preocupação com o direito do trabalhador ao lazer expressa na fala, bem como a noção que o futebol permite uma forma menos custosa de vivência, esse direito nos chamou atenção. E neste sentido, reforçamos a responsabilidade que o poder público possui para oferecer esse direito de forma acessível. Com a pesquisa percebemos uma tímida preocupação com políticas de lazer na região do Morro do Papagaio.

A proximidade entre o Aglomerado e o Parque Jornalista Eduardo Couri, auxilia os moradores na prática de atividades de lazer, mas cremos que faltam intervenções que potencializem o uso desse equipamento de lazer.

Em todo o período da pesquisa de campo, não houve nenhuma ação do poder público (municipal, estadual ou federal), para a promoção ou o fomento de atividades de lazer no Parque aos finais de semana. – salvo a Copa Centenário, torneio promovido pela PBH, mas é algo restrito, pois a prática do jogo de futebol dentro do torneio não pode ser feito de forma ampla. Assim, para a maioria das pessoas, a Copa é uma possibilidade de lazer apenas no sentido de assistir às partidas.

Neste diálogo, Isayama e Gomes (2015, p. 2) contribuem pontuando que a "concretização dos direitos sociais – inclusive o lazer –, por meio de políticas sociais comprometidas com a intersectorialidade, é essencial para o exercício da cidadania plena". Portanto, entendemos que o apontamento desse problema, visando à proposição de soluções para políticas públicas de esporte e lazer é urgente. Acreditamos, que é nosso papel contribuir no sentido de denunciar essa falha e evidenciar através das observações realizadas, as demandas proferidas pela comunidade.

Em relação às demandas apontadas pelos moradores, destacamos que o futebol comunitário é algo caro para os mesmos e neste sentido, pode ser uma maneira de inserção de políticas de lazer naquele contexto. E isso pode se dar por meio da manutenção dos campos, arquibancadas, vestiários e banheiros, por exemplo, que são reclamações recorrentes por parte dos organizadores dos times que utilizam os campos no parque. Destacamos também outro ponto que nos faz crer que o futebol desencadeia outras atividades que podem ser proporcionadas com políticas de lazer. Observamos e ouvimos falas de frequentadores do parque que afirmam que quando o futebol acontece, o parque como um todo, tem seu uso potencializado. As pistas de corrida e caminhada, os gramados, a quadra, o *playground*, o entorno dos campos ficam cheios de pessoas usufruindo do tempo de lazer no espaço público.

Também nas ruas do entorno do Parque e nas vielas e becos da favela, vimos o aumento da circulação de pessoas para sentar no meio-fio, conversar e beber. Jovens transitam, escutam, dançam e produzem funks e raps. Enfim, entendemos que há uma potencialidade de vivências lúdicas e um dinamismo cultural presente no parque e no Aglomerado Santa Lúcia que orbitam este equipamento e o futebol especialmente.

Assim, esse artigo faz o debate acerca do futebol como uma atividade de lazer neste equipamento mas também quer ressaltar que ele também atua como um animador cultural. Induz e auxilia a população local para a vivência de atividades de lazer e produção de cultura.

### **3.1 - Os campos: o coração do parque e o circuito do futebol comunitário**

Os campos de futebol no Parque Jornalista Eduardo Couri certamente são os principais atrativos desse equipamento de lazer. Dessa maneira, para evidenciar como as atividades no parque “pulsam” de acordo com o que acontece nos campos, apontamos neste momento, as atividades de lazer oriundas deles e as atividades que acontecem no entorno. Analisamos como é a dinâmica do futebol comunitário, como são as relações de sociabilidade favorecidas nesse contexto e como os espaços dos campos novo e velho (também arquibancadas, Cantina do Printe e Bar do Robertão) são ocupados pela comunidade.

Aos finais de semana, o espaço fica movimentado. Muitas pessoas se fazem presentes para jogar futebol, e outras para assistir às partidas. Nos arredores dos campos, sempre observamos crianças brincando com bola, bicicleta ou pipa. A Cantina do Printe e o Bar do Robertão ficam cheios de pessoas bebendo cerveja e acompanhando os jogos no campo novo. Quando o campo velho também realiza partidas, o número de pessoas interessadas em acompanhar as partidas nele é ligeiramente menor.

A ocupação dos campos ocorre praticamente durante todo o dia com partidas de futebol. Aos sábados é dada prioridade aos jogos das equipes com categorias de crianças e adolescentes. Aos domingos, a maioria dos jogos é da categoria adulto, masculina e feminina.

Como acontece na maioria dos campos comunitários de Belo Horizonte, apesar do espaço ser propriedade do poder público municipal, a sua administração, manutenção e organização são feitas pela comunidade por meio de associações esportivas/moradores ou dos próprios clubes da comunidade.

Vimos que o futebol comunitário é a atividade de lazer principal que movimenta o comércio dos arredores, os campos e o parque de forma geral. Mas há um aspecto que cabe salientar acerca do futebol comunitário: o aspecto formativo<sup>6</sup> dessa atividade de lazer. Em vários momentos, as crianças que vão aos campos e jogos acompanhando seus pais (ou até mesmo desacompanhadas) ficam no entorno dos campos brincando, mas ao mesmo tempo, há por parte delas uma observação atenta e a consequente aprendizagem de como se portar naquele espaço. Este fato é exemplificado no relato a seguir, onde alguns homens conversavam na parte alta das arquibancadas e eram acompanhados por três crianças, aparentemente irmãos, que assistiam à partida no campo novo, mas também estavam atentas à conversa dos adultos: Ao acompanhar as partidas na arquibancada, que não estavam lotadas, mas a parte sombreada estava ocupada por cerca de 30 pessoas. Dentre eles, um grupo menor vendo o jogo, também conversava sobre política. Em meio à conversa, criticavam a atuação dos dois times no campo novo. Após alguns lances um dos homens começou com críticas ao juiz da partida... “Esse cara é um burro, olha lá! Tá perdidinho.” Três garotos estavam por perto e olham para trás no momento dessa fala. Após alguns minutos e conversas sobre outras equipes amadoras da comunidade e torneios que acontecerão na comunidade, o mesmo sujeito profere xingamentos direcionados ao árbitro.

“Ô, seu filho da puta! Apita direito ou sai daí. Otário! É melhor chamar alguém no boteco para apitar.” Mais uma vez os garotos olham para trás, mas dessa vez começam a rir da situação. Depois de mais alguns momentos um dos garotos também xinga o árbitro e comenta com a criança que estava a seu lado: “Ele não sabe apitar nada...” (Registro em caderno de campo. 10/11/2019).

Os adultos moradores do Morro do Papagaio que estavam presentes no futebol (praticando ou assistindo) ou em atividades que orbitam os campos se mostraram assíduos e mantiveram intensas relações de “sociabilidade”, demonstrando, como a efervescência esportiva

---

<sup>6</sup> A palavra “formativo” que optamos utilizar não faz menção a um tipo de educação formal, e sim como os sujeitos passam a se comportar no ambiente do futebol comunitário a partir da referência de pessoas que frequentam o espaço há mais tempo.

de lazer é significativa para a comunidade do Morro do Papagaio. A seguir, apresentamos um trecho de anotação do campo que demonstra:

Os arredores do campo principal estavam muito cheios... Na arquibancada, nos degraus mais acima, perto da sombra das árvores e da calçada perto da arquibancada eram os locais preferidos. A rua e o bares que ficam em frente à arquibancada também cheios. Próximo ao Bar do Robertão também muita gente... Motos e carros estacionados. Até o momento, vi três churrasqueiras com várias pessoas próximas a elas. O aparelho de som no Bar do Robertão está tocando funk e samba, em um volume alto mas que não é incômodo. Muitas pessoas vieram para ver a final da Copa dos Campeões. O torneio foi organizado pelo Robertão/Associação Esportiva. Os finalistas foram o time da Associação Atlética Santa Lúcia e outro time da comunidade chamado Papagaios. (Registro em caderno de campo 15/12/2019).

Como descrito, a assistência aos jogos de futebol comunitário é uma das atividades de lazer que acontecem no entorno dos campos, sendo a que mais leva pessoas da comunidade para o parque. Entendemos que, de certo modo, o futebol acaba funcionando como “animador cultural”, fazendo com que os equipamentos de lazer sejam ocupados e utilizados pela população.

Além de atividades de lazer, de assistência e outras que ocorrem no entorno, o próprio futebol comunitário é uma atividade de lazer. Nesse sentido, com as observações, as conversas com os atores do futebol comunitário e as entrevistas realizadas durante a pesquisa, tornou-se evidente que os campos da Barragem Santa Lúcia e toda a agitação esportiva que ali ocorre integram um “circuito” (MAGNANI, 2014) de futebol amador na cidade de Belo Horizonte. Cabe explicitar que Magnani (2014, p.2) aponta o conceito de “circuito” como a ocorrência de domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, como ocorre nas demais categorias (mancha e pedaço), e sim de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência.

Vemos um importante papel desempenhado pelos campos da Barragem e pelo contexto do futebol comunitário no aglomerado para a consolidação de um circuito de futebol amador em Belo Horizonte. Algumas características observadas demonstram isso, como o grande número de jogos realizados no período e a participação de equipes e jogadores de vários outros bairros e regiões da cidade. A recorrente escolha do campo novo para sediar campeonatos organizados pela Federação Mineira de Futebol (FMF), pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e a Central Única das Favelas (Cufa)<sup>7</sup> – esta última no caso da Taça das Favelas – e a grande visibilidade do time feminino do Prointer também são exemplos desse protagonismo.

Destacamos o estudo de Myskiw (2012), que investigou o circuito do futebol de várzea

---

<sup>7</sup> Organização não-governamental que atua nos âmbitos político, social, esportivo e cultural.



na cidade de Porto Alegre. O pesquisador elaborou uma cartografia evidenciando as redes existentes nesse nicho futebolístico, a organização desses grupos, a relevância desse tipo de futebol para eles e a constituição do circuito do futebol de várzea como espaço simbólico particular, institucionalizado e institucionalizante. O trabalho de Myskiw se aproxima da realidade que observamos no sentido de que o circuito analisado em Porto Alegre também se mostrou como um espaço de sociabilidades. A participação dos membros também se mostrou como motivo de distinção e orgulho (MYSKIW, 2012). Observamos esses mesmos papéis sendo desempenhados por Robertão, Evandro<sup>8</sup> e Sr. Evaristo junto ao futebol comunitário na Barragem.

Ainda aproximando os contextos de Porto Alegre e do Morro do Papagaio, Magnani (2014) detalha um pouco mais sobre como o circuito repercute nos diferentes atores sociais e em suas movimentações, e também como se faz presente e se torna “vivo” com a realização de eventos, festivais e outras manifestações de lazer.

O circuito abriga diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o circuito é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos, etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional (MAGNANI, 2014, p. 4).

Refletindo acerca do trabalho de Myskiw e das colocações de Magnani sobre o conceito de circuito, interpretamos que o circuito de futebol comunitário pode ser entendido como um movimento de entusiastas do futebol amador que se organizam, lutam politicamente e se ajudam, mas também disputam entre si espaço e relevância nesse campo esportivo, para que esse tipo de prática do futebol nas cidades brasileiras continue acontecendo.

Outra contribuição de Magnani (2014) diz respeito à ideia de “mancha” urbana. As “manchas”, segundo o pesquisador, são locais onde se encontram pessoas de diferentes procedências e locais da cidade, mas que compartilham gostos ou estilos de vida semelhantes (MAGNANI, 2014). Entendemos que, ao serem expoentes no circuito de futebol comunitário de Belo Horizonte, os campos do Parque e o Morro do Papagaio, a reboque, acabam se tornando também uma “mancha” urbana do futebol amador na cidade, uma vez que seus eventos e celebrações atraem pessoas com apreço pelo futebol comunitário de diversos pontos da capital. Magnani (2014, p. 15) aponta que a mancha “não se restringe aos ‘chegados’, permite o

---

<sup>8</sup> Membro da diretoria do Printer.

imprevisto, encontros inesperados”.

Assim, no caso do Morro do Papagaio, os “chegados” constituem no parque um “pedaço” principalmente em relação à pelada dos veteranos (que abordaremos mais adiante). Uma vez que existe sempre a participação do mesmo grupo, as atividades de lazer se estendem para além da partida de futebol; muitos peladeiros vão com suas esposas e filhos. Finalmente, pensando também no espaço, o parque é apropriado pelo grupo de forma intensa, fazendo com que esse equipamento público não seja um local de estranhos, mas sim dos “chegados”.

Cabe abordar, sobre as características do futebol comunitário, o seu aspecto promotor de sociabilidade e pertencimento. Rigo (2007) aponta essas questões ao analisar os times amadores, denominados “infames” pelo pesquisador. Esses aspectos se aproximam da realidade observada no Aglomerado Santa Lúcia e do universo do futebol comunitário que lá existe. O clube amador de bairro acaba se tornando uma representação da comunidade e, assim, atua como um catalisador das relações e formas de sociabilidade dos moradores do local. Ou seja, os clubes, as associações esportivas, os jogos que ocorrem nos bairros acabam reverberando, de certa forma, como fomento a atividades de lazer para a própria comunidade. Segundo o entendimento de Rigo (2007),

Poder-se-ia dizer que os clubes são pequenos fragmentos do bairro, já que se condicionam mutuamente. O futebol, as festas e os bailes fazem dos clubes um espaço compartilhado pelo bairro, principalmente nos finais de semana, quando eles se tornam pontos de encontro. Ao redor do campo de futebol, escorado na copa ou nos bailes e festas, transitam tanto os frequentadores assíduos como novatos, curiosos do próprio bairro, ou visitantes da redondeza. O clube se transforma em um lugar propício para encontros, um espaço que contribui para aproximar amigos, conhecidos e vizinhos quase anônimos. (RIGO, 2007, p. 87).

Partindo desse trecho, vemos que esse entendimento dialoga apropriadamente com a categoria “pedaço” de Magnani (1998), mencionada. Uma vez que, essas relações entre os atores sociais envolvidos com o futebol comunitário, e por esta atividade de lazer estar circunscrita em um local específico, determinado e reconhecido por estes mesmos atores sociais como um lugar de “compartilhamento de sociabilidades”. No caso do estudo de Rigo (2007), esse *locus* é a própria sede do clube e há o reconhecimento do clube como um espaço localizado entre o privado (casa) e o público (rua). O clube propicia, o encontro e a socialização dos “chegados”.

Rigo, Jahnecka e Silva (2010) também apontam o destaque que o futebol comunitário tem, de maneira consolidada, para ser uma oportunidade de promoção da “sociabilidade” e de lazer para a classe trabalhadora da cidade de Pelotas (RS). Novamente, este aspecto vai ao

encontro do que observamos na comunidade do Morro do Papagaio. O trecho a seguir, da entrevista de um dos peladeiros da comunidade, explicita a espera pelo fim de semana a fim de participar deste momento de lazer e de encontro das pessoas que não conseguem se encontrar e conviver nos dias de semana.

Essa pelada aqui, com certeza ela é a minha principal atividade de lazer... porque a gente vem se tiver com ou sem dinheiro... e encontra o pessoal aqui que a gente não vê durante a semana. Faz o jogo aqui para dar uma suada... É muito bom. (Entrevista peladeiro\_2, 22/11/2020).

Entendemos que o contexto que pesquisamos é singular, pois combina a questão do futebol como atividade de lazer, com o universo do futebol amador dentro de um parque urbano que atende os moradores de um aglomerado. Que perpassam o quão significativas são as práticas corporais para os moradores e também como se organizam para isso. Evidenciando o envolvimento de líderes comunitários e dos clubes comunitários para na manutenção dos mesmos e do local de maneira geral.

### **3.2 - Os “futebóis” comunitários no Parque**

O foco deste trecho do artigo é analisar a relevância do futebol amador para a comunidade do Morro do Papagaio. Porém, nesse momento, consideramos importante apresentar as suas mais diversas formas de organização e de vivência prática, bem como as pessoas se relacionam com o futebol. Assim, entendemos como uma necessidade de discutir o futebol comunitário de forma mais ampla que conseguimos observar e registrar. Procuramos ver com quais “roupagens” o futebol aparece na comunidade e descrever cada uma dessas facetas.

Para tanto, lançamos mão do trabalho de Damo (2007), que mostra as diferentes matrizes do futebol, explicando-as e evidencia de que maneira cada uma delas se faz presente no cotidiano. Resumidamente, as quatro matrizes principais do futebol elencadas pelo autor são:

1. a bricolada, que é o futebol conhecido como “pelada”. Não é regida por nenhuma entidade e tem regramentos flexíveis;
2. a espetacularizada, ou seja, o futebol profissional. Caracteriza-se principalmente por seus fatores organizacionais hierárquicos, começando pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) e chegando até as federações locais. É o futebol como produto, negócio;
3. a comunitária, isto é, o futebol que chamamos de “amador” ou “varzeano”. Damo (2007) aponta que está situada entre a matriz espetacularizada e a bricolada. Assim como a bricolada, é

fortemente vista como uma atividade de lazer; e

4. a escolar, que é o futebol ligado ao âmbito da escola. É praticada no contexto pedagógico das aulas de Educação Física ou dos campeonatos escolares.

Conhecendo essas diferentes matrizes, entendemos que é dada a possibilidade de enxergar e analisar as diferentes formas de “futebóis” existentes no cotidiano dos campos do país, desde aqueles em grandes estádios até os improvisados em terrenos baldios. Esses diferentes “futebóis” existentes baseou a análise que apresentamos.

Pensamos que em todas as matrizes apresentadas por Damo (2007) temos pontos de aproximação e afastamento. Muitas vezes essas matrizes se entrelaçam, se confundem, e é nesse sentido que propomos outras maneiras de enxergar a matriz comunitária, com base no que conseguimos observar durante a pesquisa de campo. Frisamos que essa proposta não tem a pretensão de romper ou mesmo invalidar a teoria das matrizes elaborada por Damo, mas sim lançar mão dela para realizarmos uma análise do futebol comunitário e de suas nuances.

Portanto, propomos neste artigo que estejamos atentos aos possíveis desdobramentos existentes na matriz comunitária. Chamaremos tais desdobramentos de “submatrizes”. Em cada uma dessas submatrizes, explicitamos as características que foram observadas, bem como a nomeação que elaboramos, sendo: o futebol comunitário espetacularizado, o futebol comunitário bricolado, o futebol comunitário educativo e o futebol comunitário amador.

Compreendemos como **futebol comunitário espetacularizado** aquele que acontece quando a mimetização do esporte profissional se torna uma realidade para os jogadores que vão para a prática, para os moradores da comunidade que vão acompanhar as partidas e também pela forma de organização da competição.

Durante a pesquisa, tivemos alguns exemplos do comunitário espetacularizado; a edição da Taça das Favelas é um deles. Esse torneio contou com uma infraestrutura até certo ponto robusta e com uma cobertura midiática relevante. No futebol comunitário espetacularizado, há também a participação do trio de arbitragem, formado por árbitros inscritos na federação ou em alguma associação de árbitros de futebol.

Outro caso que exemplifica o futebol amador espetacularizado são as participações do Printer no Campeonato Mineiro organizado pela FMF, na Copa Centenário e na Copa BH, junto a clubes profissionais como o América, o Ipatinga e o Atlético Mineiro. Entendo que até mesmo o Campeonato Mineiro Amador disputado em 2019 pode ser enquadrado na matriz comunitária espetacularizada.

Em resumo, a prática do futebol comunitário espetacularizado alcança, em sua

execução, características que buscam emular alguns atributos notadamente presentes na matriz do futebol espetacularizado, de forma mais marcante o caráter competitivo.

Outra forma de manifestação percebida durante a pesquisa de campo é o **futebol comunitário bricolado**. Nele existe um futebol que acontece de forma recorrente (ou não) e não há uma forma de disputa acirrada, envolvendo premiações, troféus ou vaga em outros campeonatos. A partida ocorre de maneira mais despretensiosa. As equipes geralmente são escolhidas momentos antes do jogo e são formadas por pessoas presentes no momento.

Outra característica marcante do futebol comunitário bricolado é que, em alguns momentos, os participantes recorrem à figura de um árbitro improvisado. De modo geral, é um dos peladeiros que optou por não jogar no dia e se dispõe a fazer esse papel. Alguns peladeiros perguntam: “Quem vai ser o soprador de apito?”. Existem também as peladas em que não existe a figura do juiz.

Um aspecto que também vale ser abordado acerca do comunitário bricolado é o pós-jogo. Principalmente nas peladas que acontecem de forma recorrente, a resenha<sup>9</sup> depois da partida é quase tão importante quanto o próprio futebol. Um exemplo disso é a pelada dos veteranos que acontece aos domingos.

Vemos o **futebol comunitário educativo** como presente nos projetos sociais que utilizam o futebol. Suas características mais regulares são que o público-alvo são crianças ou adolescentes e a participação deles é vinculada à matrícula e/ou frequência na escola.

Na comunidade do Morro do Papagaio, observamos a matriz comunitária educativa nos projetos sociais do Futebol de Rua e do Pontapé Inicial, vinculados à ações do líder comunitário Júlio Fessô, do projeto Eu Amo Minha Quebrada.

Existem também vários outros projetos sociais dentro do aglomerado que têm como atividade proposta o futebol. A maior parte deles não utiliza os campos de futebol do parque, e sim as quadras de esportes existentes dentro do Morro do Papagaio ou nas proximidades, uma delas é a que fica localizada no Parque Jornalista Eduardo Couri.

Existe, também, um discurso dos organizadores das atividades anunciando que esses projetos não visam à formação de atletas de alto rendimento, mas sim à formação de cidadãos, enaltecendo, dessa forma, o caráter pedagógico das ações. Em alguns momentos, porém, existem ditos que vão de encontro com essa premissa, especialmente quando tais organizadores são indagados sobre os resultados alcançados pelos projetos. É o que vemos na entrevista concedida pelo líder comunitário Júlio Fessô:

---

<sup>9</sup> A resenha é a forma com que os jogadores da várzea e demais envolvidos com o futebol comunitário se referem ao momento de lazer que acontece após as partidas.

Então, eu criei o Pontapé Inicial, que hoje tem mais de 60 adolescentes e crianças... Eu chamo eles de atletas, mas o objetivo não era ensinar o futebol, mas promover a cidadania e a inclusão social... Então tem menino que tem distúrbio mental, tem crianças acima do peso, tem os bom de bola, tem os ruim de bola, tem os menino que é considerado problemático pelas outras pessoas, mas se dão super bem. Inclusive a gente foi selecionado para estar nas peneiras dos times grandes aí de Belo Horizonte. (Entrevista Júlio Fêso, 05/12/2020).

Entendemos que seja possível fazer um trabalho formativo, social e de relevância em ambientes que preparam ou visam ao futebol de alto rendimento, mas assinalamos que é interessante apontar, na fala, o evidente contraste entre o objetivo de formação cidadã e inclusão social e a participação de peneiras dos grandes clubes da cidade. Esse aparente desencontro de objetivos demonstra uma confusão no senso comum sobre as diferentes abordagens possíveis que os esportes propiciam.

Por fim, consideramos o **futebol comunitário amador** como a principal manifestação futebolística (em quantidade de jogos) que observamos durante a pesquisa nos campos do Parque Jornalista Eduardo Couri. As partidas de futebol nesse segmento não possuem um nível de organização e de exigência competitiva como acontece no futebol comunitário espetacularizado. Contudo, não percebemos nele um nível de fruição tão despojado quanto no comunitário bricolado.

As partidas acontecem principalmente aos domingos. Temos, portanto, a realização de pequenos torneios e disputas organizadas por um conjunto de times, pela Associação Esportiva ou pela iniciativa individual de algum morador. A maior parte desses certames acontece em comemoração ao aniversário de algum time do Aglomerado ou de algum morador querido pela comunidade, ou até mesmo em alusão a torneios de futebol profissional ou amador espetacularizados que já podemos considerar “marcas” reconhecidas (como Copa Libertadores e torneio Corujão<sup>10</sup>). Em resumo, são torneios informais que não estão ligados à federação ou a órgãos públicos.

Sobre a presença de arbitragem, existe o esforço dos organizadores dos campeonatos em garantir que um árbitro seja contratado para conduzir a partida. Geralmente, não há a presença de árbitros auxiliares (bandeirinhas), com o intuito de reduzir custos.

Pelas observações feitas ao longo da pesquisa in loco, o futebol comunitário amador consegue entusiasmar os moradores a acompanharem e se envolverem nos torneios como espectadores e torcedores, colocando essas partidas de futebol como significativas

---

<sup>10</sup> O Corujão é um campeonato amador realizado em Belo Horizonte pela Rede Globo Minas e pela FMF. A Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia organizou um torneio com o mesmo nome.

manifestações de lazer para a comunidade do Morro do Papagaio.

Damo (2005) já anunciava o conceito de “futebóis”, o que consideramos pertinente para a proposta que colocamos neste trecho do artigo, entendemos que existem diferentes futebóis comunitários. Faria (2008) também usa essa expressão e ressalta as distintas formas de compreensão e de prática do futebol em contextos comunitários. No caso do estudo por ela feito, as diferenças envolviam alguns fatores, como as idades das crianças que estavam jogando, o tipo de jogo de que a equipe iria participar e até mesmo a organização do plantel por parte do treinador do time (FARIA, 2008). Esses aspectos são interessantes e vão ao encontro das ideias que apresentamos nesta seção.

### **3.3 - O horário nobre no campo novo: a pelada dos veteranos**

Os vários jogos de futebol comunitário acontecendo aos domingos movimentam o campo, fazendo com que os horários sejam bastante disputados pelos times e torneios do momento. Porém há um jogo que ocorre todos os domingos do ano e sempre tem o seu horário garantido: a pelada dos veteranos.

Essa pelada é composta por moradores do Morro do Papagaio que não fazem mais parte de nenhum time da comunidade, alguns estão com idade mais avançada e entendem que os campeonatos de que os times amadores participam não permitem que eles continuem jogando. Dessa maneira, desde o ano 2000, eles organizam a pelada dos veteranos para continuarem jogando e mantendo essa atividade de lazer tão relevante no cotidiano do aglomerado. Após alguns meses de pesquisa de campo, entendemos que seria oportuno observar com mais atenção a pelada dos veteranos no Parque Jornalista Eduardo Couri. Os dados sobre a pelada foram obtidos, pelas observações e anotações no caderno de campo, por diálogos com jogadores da pelada e pessoas que vão para assistir aos jogos, bem como as entrevistas com três peladeiros e com o Evandro, organizador da pelada e presidente da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, chamado de “Presidente” pelos demais participantes.

A pelada acontece às 08h00, o primeiro e mais disputado horário do campo novo, pois após o jogo os moradores ainda têm o resto do dia para “aproveitar”, seja na resenha após a pelada, seja optando por outras atividades de lazer fora do Parque.

É interessante observar que essa “reserva” do dia de domingo é recorrente também em outras realidades do futebol comunitário. O estudo de Stigger (1997), aponta que em uma pelada de veteranos na cidade de Porto Alegre também existe a preocupação com relação à

manutenção do domingo para outras atividades de lazer que não o futebol. Mas, no caso relatado por ele, os jogadores optam por realizar os jogos aos sábados.

O que poderia ser chamado do Movimento dos Veteranos de Futebol, é uma presença, facilmente identificável aos finais de semana nos espaços públicos de Porto Alegre, de grupos de homens de idade avançada praticando o futebol. Reunindo-se normalmente aos sábados – já que "...o domingo tem que ficar para a família..." –, iniciam suas atividades pela manhã com um encontro de bate-papos que antecede ao jogo e encerram com churrasco – que vai até o final da tarde. (STIGGER, 1997, p. 53)

No caso da pelada dos veteranos no Parque Jornalista Eduardo Couri, o horário é concorrido e se, por qualquer motivo (como datas festivas), a pelada não ocorrer, o campo é rapidamente ocupado por outro time na marcação de horário, sempre feita pelo Robertão. Segundo Evandro, nem sempre foi isso que aconteceu. Em seu relato, o “presidente” disse que a pelada dos veteranos acontece às 08h00 porque, quando ela foi criada, esse era um horário com baixa demanda da comunidade. Com o passar dos anos e a mudança de percepção acerca das manhãs de domingo no futebol comunitário, o primeiro horário passou a ser o mais requisitado, porém a pelada dos veteranos já havia se estabelecido e se tornado uma tradição.

O termo “tradição” utilizado por Evandro se explica pela longevidade da pelada. Trata-se de uma atividade que há mais de 20 anos faz parte da vivência de lazer de muitos moradores do Morro do Papagaio, seja jogando, seja acompanhando os jogos. Também justifica o uso do termo o fato de que muitos dos que vão ao parque para assistir à pelada são os idosos que já não conseguem participar do futebol comunitário como jogadores.

No relato do caderno de campo a seguir, apresentamos um exemplo de como os expeladeiros continuam participando deste universo no parque. Neste caso, o senhor que tem o diálogo descrito, não joga mais, nem mesmo por períodos curtos de tempo, mas sua fala demonstra – e a nosso ver busca explicitar – que conhece as regras implícitas e os códigos de conduta da pelada.

O jogo havia começado no horário habitual das 08h00 da manhã. Tudo transcorria com normalidade até que um dos jogadores, um pouco mais novo que a maior parte dos peladeiros, reclamou de uma possível falta. O jogo continuou, e após uma nova disputa de bola da equipe adversária, o mesmo jogador reclamou novamente e pela segunda vez o jogo continuou. Ele então tirou o seu colete e, xingando, se dirigia para a saída do campo. Alguns peladeiros do seu time falavam para ele permanecer; após o apelo dos demais voltou para o jogo, mas apenas segurando o colete. Um senhor idoso que também acompanhava a pelada, vendo a cena, grita em direção ao campo: “Agora a pelada está assim? Pode jogar sem colete? Isso já foi mais organizado hein?” Após essa fala, se dirige a mim e diz: “O cara mais novo da pelada não tá aguentando correr... tá vendo? Só joga reclamando.” (Registro em caderno de campo, 26/08/2018).



A manutenção do vínculo com a pelada e os peladeiros se dá pela assistência aos jogos. Mas há também outra forma de continuar pertencendo ao grupo: a participação na resenha após a pelada. Tivemos essa percepção de forma evidente quando entrevistamos um dos peladeiros que quase não entrava mais em campo. Além dele, existem outros que nem chegam a entrar no campo novo.

Olha... Jogar ficou pra mim uma palavra difícil, né... Hoje eu com 63 anos, eu tenho mais prazer na resenha do que com o próprio futebol. Então, eu acho que cai bastante a participação do pessoal aí se não tiver essa resenha no final da pelada... (Entrevista peladeiro\_2, 22/11/2020).

A resenha é um momento de lazer que o futebol proporciona. A pelada dos veteranos termina por volta das 10h30; por vezes se estende até 11h00, dependendo do número de pessoas presentes. Assim que o jogo termina, começam os preparativos para a resenha. Alguns saem antes da pelada e espalham algumas mesas e cadeiras em frente aos vestiários e à Cantina do Prointer. Outros se responsabilizam pela churrasqueira. A maioria dos peladeiros continuam para participar da roda de conversa, jogar truco, assistir aos jogos que acontecem posteriormente, beber cerveja (da Cantina do Prointer ou do Robertão) e consumir churrasco, que é custeado com o rateio entre aqueles que ficam para a resenha. Fato semelhante também é descrito por Stigger (1997):

O encontro após o jogo, pelo menos "... para tomar uma cerveja...", é parte significativa da rotina que mantém os laços de sociabilidade dos veteranos: há um grupo que não tendo campo fixo para jogar, para onde vai leva o equipamento necessário para fazer o churrasco, muitas vezes próximo ao meio fio e ao lado do campo onde jogam. A presença durante todo o período é um fator importante que estabelece a diferença entre quem efetivamente participa do grupo e quem "... apenas vem jogar futebol...": participar do almoço é fundamental, pois muitas vezes "... o time é escalado no churrasco...". (STIGGER, 1997, p. 53).

Diferentemente do caso do futebol comunitário de modo geral que, como mencionado, se encaixa de forma nítida no entendimento de "circuito" e "mancha" de Magnani (1998), percebo que no caso da pelada dos veteranos o conceito de "pedaço" se aplica de forma eficaz. Observamos durante o estudo, que a pelada dos veteranos faz com que o campo e os seus arredores (este trecho específico do parque) possam ser percebidos como "pedaço": um lugar de encontro e "sociabilidade" dos "chegados". A relação entre os peladeiros, principalmente após a pelada, confirma esse entendimento. Existe uma parceria entre eles, e o espaço público acaba se tornando, como aponta Magnani (1998), local que se situa entre a casa (privado) e a rua ("desconhecido"). No trecho da entrevista a seguir, percebemos como o encontro semanal entre

os peladeiros é relevante:

A gente vive isso aqui aos domingos, com minha esposa às vezes, com a minha filha que sempre vem. Isso é uma coisa que faz parte da vida de quem está no futebol amador. O futebol amador é um meio de interagir com as pessoas, para socializar com o pessoal, a resenha... São coisas legais que a gente não pode abrir mão disso nos finais de semana. Então, todo domingo nós “tamo” aqui. Eu, como outros pais que estão aí, trazemos a nossa família. E é uma coisa que a gente espera a semana toda para estar aqui. A semana toda no trabalho, a gente conta dia para chegar o final de semana, pelo futebol amador. O futebol amador é isso... (Entrevista peladeiro\_1, 22/11/2020).

O trecho mostra que a “sociabilidade” proporcionada pelo futebol na comunidade é reconhecida pelos moradores do Aglomerado. O futebol é uma atividade de lazer que permite o encontro entre amigos e vizinhos que, mesmo morando próximos, quase não se veem nos dias de semana. As atividades que o futebol desencadeia também fazem parte do lazer nesse “pedaço”. Ressaltamos aqui a contribuição de Simmel (1983), que define e trabalha com os termos “sociação” e “sociabilidade”. É neles que nos amparamos para a leitura dos dados aqui apresentados, uma vez que o entendimento desses conceitos considera a centralidade e o protagonismo dos sujeitos na formação e manutenção de vínculos, fato central na pelada dos veteranos.

Gonçalves (2002) também trabalha com a noção de sociabilidade e propõe o futebol amador como um campo próprio e emergente para pesquisas que intentam trabalhar nessa direção. Assim como no caso do Morro do Papagaio, a pesquisadora mostra as diferentes formas de apropriação e vivência do futebol amador, e em todas elas há sociabilidade entre os envolvidos.

Assim, a pelada dos veteranos foi uma das atividades que investigamos e evidenciamos no estudo, pois mostra as relações entre os frequentadores do parque e também o futebol como uma opção de lazer aos moradores do Aglomerado Santa Lúcia.

#### **4. Considerações finais**

Neste artigo, abordamos o futebol comunitário em seus mais diferentes aspectos, como: o seu papel como alternativa de lazer e sociabilidade para a comunidade do Morro do Papagaio, a importância do futebol comunitário como indutor de outras práticas de lazer e as diferentes formas, os diferentes futebóis identificados com a pesquisa.

Outro ponto que vemos para este trabalho e artigo é o grande envolvimento comunitário com uma prática cultural e de lazer. Assim como o uso de um equipamento público mediante a

organização da própria comunidade para a realização de atividades de lazer, sendo a principal delas o futebol. Além de se configurar como uma expressão de pertencimento dos moradores do aglomerado.

Conseguimos identificar e classificar quatro vieses do futebol comunitário, mas certamente é possível que em outras comunidades, outros espaços e outras realidades sociais existem diversas outras “submatrizes” do futebol comunitário que, por não terem sido aqui exploradas, merecem estudos específicos.

Em resumo, este artigo busca detalhar como o futebol comunitário se coloca como uma alternativa para atividades de lazer no Parque Jornalista Eduardo Couri e para os moradores do Morro do Papagaio que frequentam o parque neste “pedaço” e “circuito” futebolístico. Assim, as diferentes facetas do futebol comunitário, a sociabilidade que ele permite e os usos de lazer adjacentes desencadeados foram objetos do estudo e das análises aqui presentes. Salientamos que ainda existem diversos aspectos acerca do futebol comunitário e atividades de lazer que não foram abordados e que merecem compor estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

DAMO, A.S. **Do dom à profissionalização**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre - RS, 2005.

DAMO, A.S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. v. 1. 359p.

FARIA, E.L. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 229 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2008.

GONÇALVES, A.M.A. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2013 – PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

ISAYAMA, H.F; GOMES, C.L. **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. Coleção Educação Física e Esportes.

MAGNANI, J.G.C. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, n. 1. Maio, 1997.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 1.ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998. v.1, p.166.

MAGNANI, J.G.C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, n.15, 2014.

MELO, V.A de. Educação estética e animação cultural: reflexões. **Licere**, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.101-113, 2002.

MYSKIW, M. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 415 f. Tese (Doutorado). UFRGS. Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2012.

RIGO, L.C. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, v.10, n.1, p. 83-98, 2007.

RIGO, L.C.; JAHNECKA, L; SILVA, I.C.M. da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento** - UFRGS, v.16, p.153-177, 2010.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

STIGGER, M.P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Revista Movimento**, UFRGS. Porto Alegre, Ano IV, n.7, p. 52-66, 1997.

## NOTAS DOS AUTORES

### Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflito de interesses.

### Contribuições dos autores

Felipe Vinicius de Paula Abrantes participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, levantamento e interpretação dos dados, redação e revisão intelectual crítica do texto; Silvio Ricardo da Silva participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, redação e revisão intelectual crítica do texto.

### Endereço para correspondência

Rua General Astolfo Ferreira Mendes, 51 – São Gabriel  
Belo Horizonte – MG, CEP. 31980-260

**Submissão:** 27/02/2023

**Aceite:** 28/03/2023